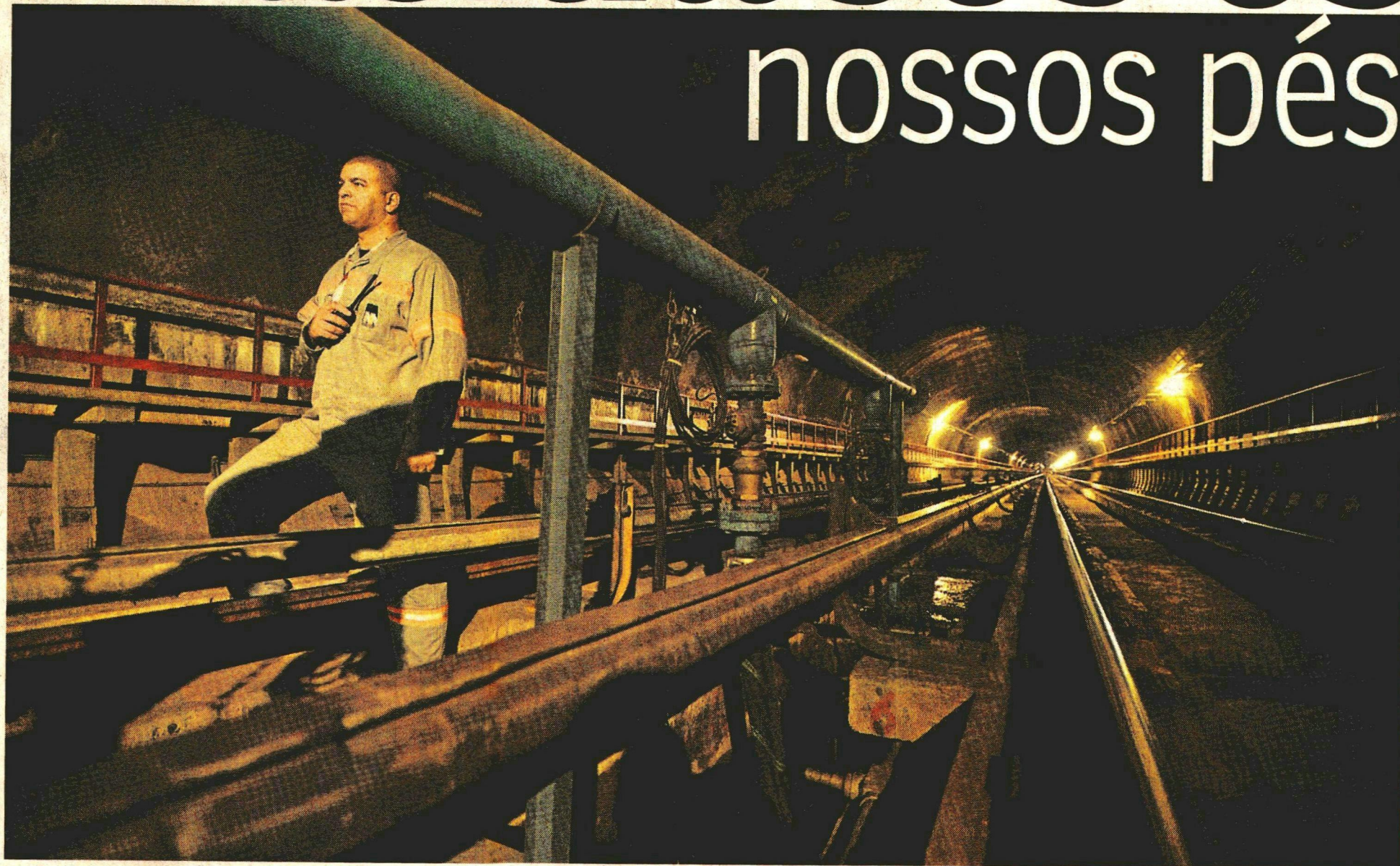


Brasília sob os nossos pés

Daniel Ferreira/CB/DA Press - 7/5/15



Técnico em mecânica do metrô há oito anos, Alexandre Magno do Nascimento conta que, há alguns anos, ele e dois colegas viram uma estranha aparição. Nunca mais falaram a respeito

» CONCEIÇÃO FREITAS

Numa cidade construída de peito aberto para a via láctea não haveria de ter subterrâneos. Mas, se até o céu se esconde na noite, Brasília também existe debaixo da terra. Existe, se movimenta, desagua, reluz, dança, namora, joga, confessa, reza, vê peças de teatro, controla todo o Exército brasileiro, fuma crack e se esconde da polícia. Há um Plano Piloto debaixo do Plano Piloto, com arquitetura e urbanismo modernos, Lucio Costa, Oscar Niemeyer, rios de dinheiro e magotes de ouro.

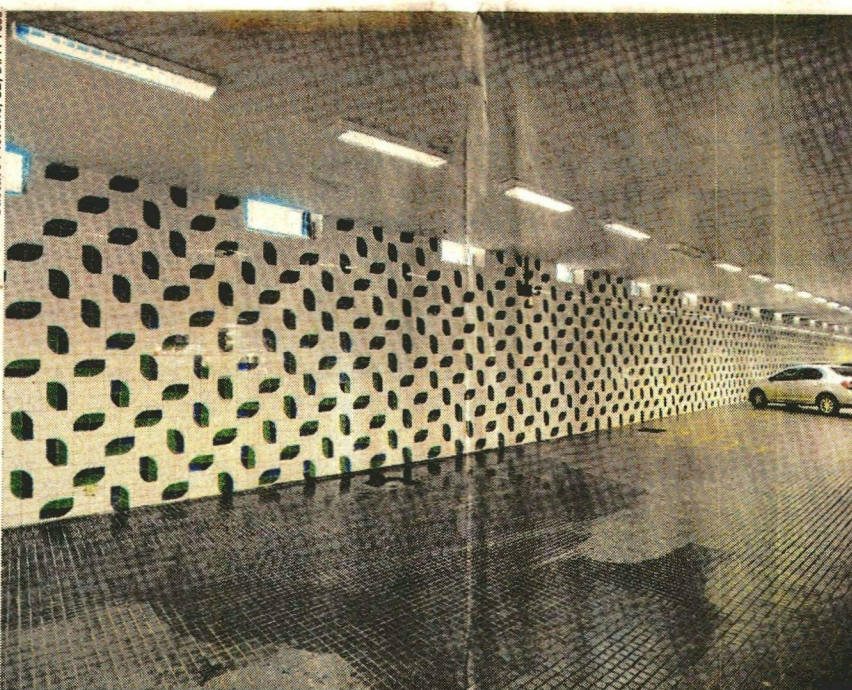
Debaixo dos pés do Plano Piloto, existem ruas, igreja, museu, teatro, restaurante, túneis, kits, lojas e, claro, o metrô. A nave da Catedral Metropolitana fica no subsolo. A Plataforma Rodoviária brinca de sobe e desce com a superfície da Terra. Senadores e deputados entram no Congresso por um hall enterrado no chão. A presidente Dilma Rousseff, como todos os seus antecessores, veem filmes numa sala de cinema subterrânea.

Os subterrâneos do Plano Piloto preservam uma das maiores obras de Athos Bulcão — um painel de 518m² em azul-petróleo e verde-oliva com fundo branco. Fica na garagem do Quartel-General do Exército, obra de Oscar Niemeyer no Setor Militar Urbano. É um Athos que recebe, todos os dias, o comandante da força militar e alguns poucos oficiais e convidados. Está muito bem preservado o painel, à exceção de plaquetas que foram grudadas em azulejos para identificar a quem é destinada a vaga no estacionamento.

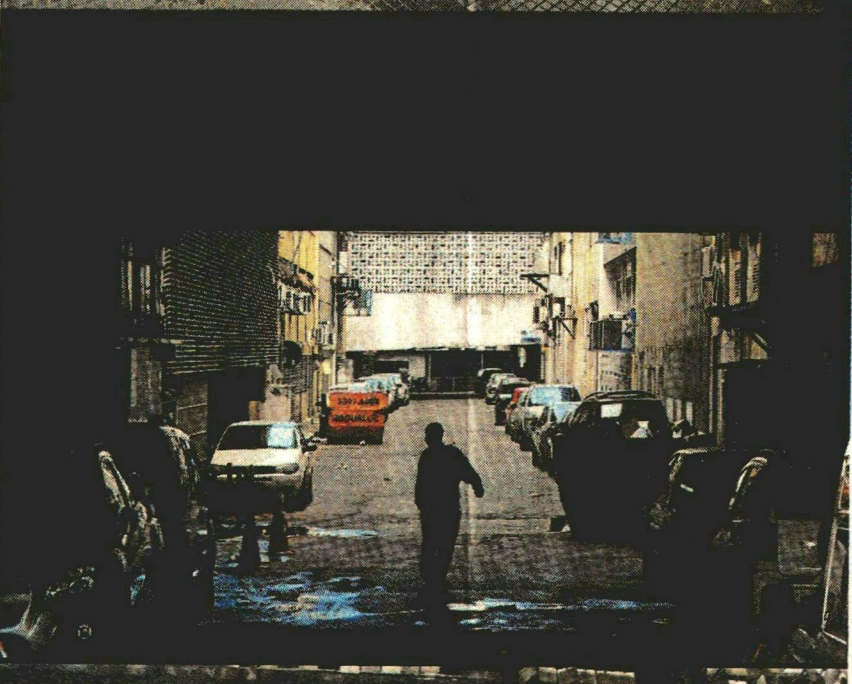
As profundezas de Brasília guardam, em um salão de 10 mil m², ou seja, um hectare, todo o dinheiro do Banco Central, mais as reservas em ouro. É a Caixa-Forte do BC, a caverna a que só alguns bat-funcionários têm acesso. Dez anos atrás, o **Correio Braziliense** teve permissão para fotografar a entrada do cofre, mas, desta vez, não. Embora o tesouro esteja guardado 30 metros abaixo da superfície do Eixo Leste, a segurança do BC ficou escabreada depois que, dez anos atrás, bandidos perfuraram um túnel de 78m de comprimento e 4m de profundidade, para furtar (e não roubar, porque não houve violência física) 3,5 toneladas de cédulas de papel, mais ou menos R\$ 164 milhões na sede do BC de Fortaleza.

Se não se pode visitar a Caixa-Forte do BC, é possível deleitar-se com a maior pepita de ouro já encontrada no Brasil e, talvez, no mundo. E ela está cinco andares acima do cofre do Brasil. Fica no Museu de Valores da instituição, no primeiro pavimento abaixo do solo, que o elevador identifica como -1 (menos 1). É uma pedra de cor escura, entre o cinza e o preto, de aproximados 57kg, volume que restou da peça de 150kg retirada de Serra Pelada pelo garimpeiro Júlio de Deus Filho (conta-se que ele morreu numa briga de bar). Seu grau de pureza: 99,9%.

Gustavo Moreno/CB/DA Press



Gustavo Moreno/CB/DA Press



Roberto Nocti / Banco Central - 24/3/15



Na garagem do QG do Exército, um dos maiores painéis de Athos Bulcão: 518m² de área

Buraco do Rato, debaixo da Galeria Nova Ouvidor: homens revoam que nem morcegos

Escada em caracol que vai do primeiro subsolo do Banco Central até o térreo, na saída para o Eixo Leste

Essa pepita mítica e algumas outras estão expostas debaixo da terra (para quem tem como perspectiva o Eixo Leste). Compõem o acervo do Salão Ouro, uma construção em forma de casulo, em concreto aparente, típico da arquitetura brutalista, que fica pendurado como um mezanino no -1. Estão lá também barras de ouro que simbolizam a reserva do patrimônio brasileiro. O museu exibe ainda outro tipo de riqueza, a que produz a fortuna vinda da exploração do trabalho humano: a maquete de um engenho de açúcar, a casa grande e a senzala (que não era, mas era soterrada).

Os subterrâneos de Brasília são como o Brasil: guardam a riqueza monetária e a mais absoluta degradação humana: a cracolândia do Plano Piloto fica sob a superfície da Galeria Nova Ouvidor, na Quadra 5 do Setor Comercial Sul. Homens, mulheres, adolescentes e até crianças transitam pela via que passa debaixo do conjunto comercial. Escondem-se nos becos do Buraco do Rato e, com a chegada da polícia, brotam como morcegos assustados.

Em território da lei e da ordem, são claros e limpos os submersos da terra. Um túnel sai do primeiro subsolo do QG do Exército e segue, em branco imaculado da cabeça aos pés, em direção a dois pontos: ao palco do Teatro Pedro Calmon, uma joia da arquitetura de Milton Ramos, e à Concha Acústica do Quartel-General (aquela em forma de punho de espada que fica à entrada do edifício principal).

Uma das lendas urbanas de Brasília é a de que há um túnel que liga o Congresso Nacional ao Palácio do Planalto e este ao da Alvorada. O arquiteto Elcio Gomes da Silva, autor de *Os palácios originais de Brasília*, escarafunchou as plantas do Planalto, do Supremo Tribunal Federal (STF), do Congresso e do Alvorada. Em nenhuma delas havia rastro de túnel ligando uns aos outros, ou um ao outro. Ou seja: em caso de emergência, não tem para onde correr: é vir para o meio da rua.

Têm fantasmas, como não? — as entranhas de Brasília. Há oito anos percorrendo a linha do metrô, o técnico em mecânica Alexandre Magno Nascimento conta que já viu alguma coisa muito estranha, ele e dois companheiros. Era madrugada e, de longe, avistaram um homem deitado e gemendo. Aproximaram-se e, de repente, do corpo moribundo saiu algo que parecia uma aranha gigante. Bruscamente, o homem se levantou e foi embora. “Você viram o que eu vi?”, perguntou Nascimento aos demais. Todos viram e nunca mais comentaram nada a respeito. Dos 42km de linha de metrô em Brasília, 8k passam por debaixo da Asa Sul.

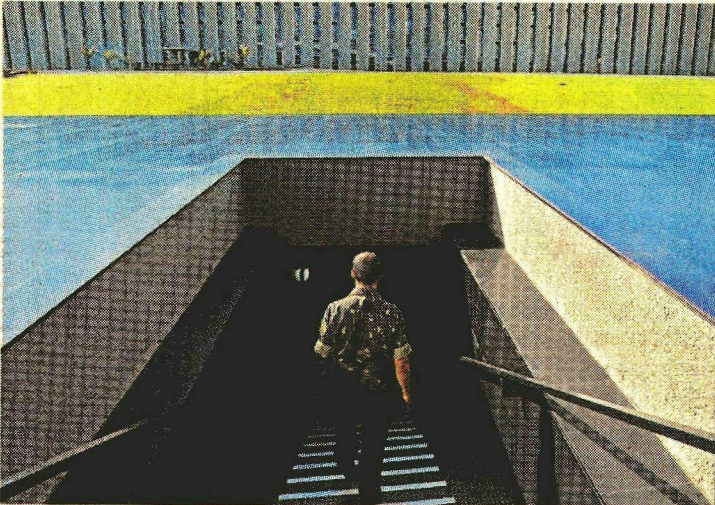
Debaixo do Plano

A cidade existe nas entranhas do cerrado



Thiago Fagundes/CB/D.A Press

Gustavo Moreno/CB/D.A Press



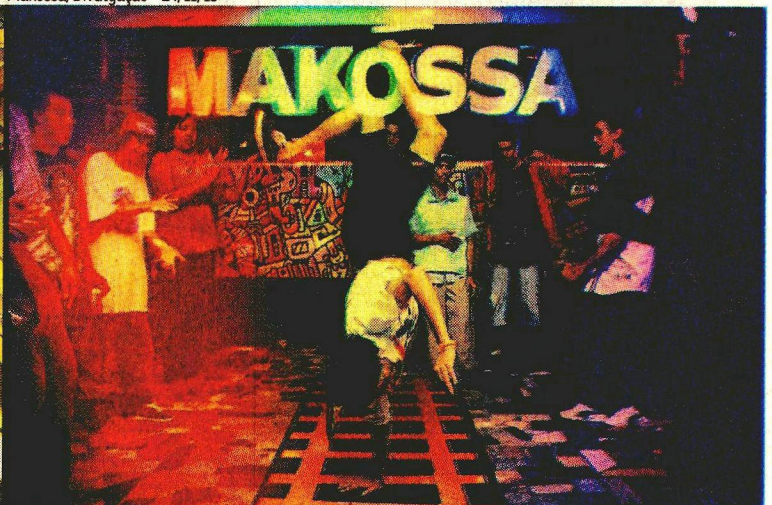
Da Concha Acústica do QG do Exército sai um túnel que se bifurca

Gustavo Moreno/CB/D.A Press

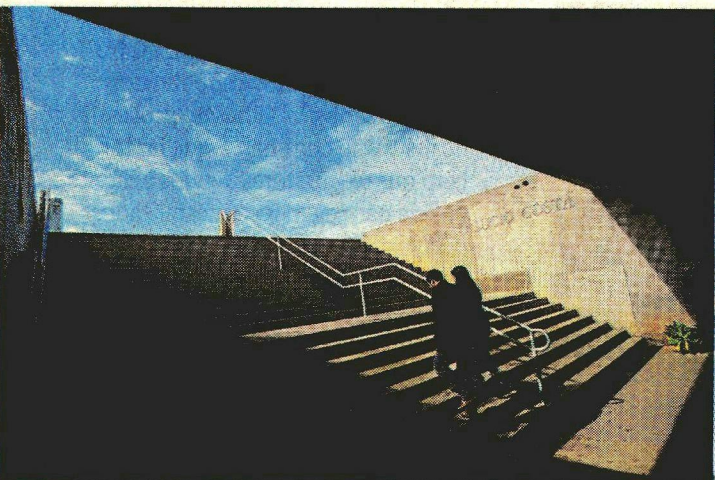


Barras de ouro debaixo da terra: parte do acervo do Museu de Valores

Makossa/Divulgação - 24/11/13



Há 13 anos, o Baile Black reúne a pele negra debaixo do Eixão



O Espaço Lucio Costa esconde-se debaixo da Praça dos Três Poderes

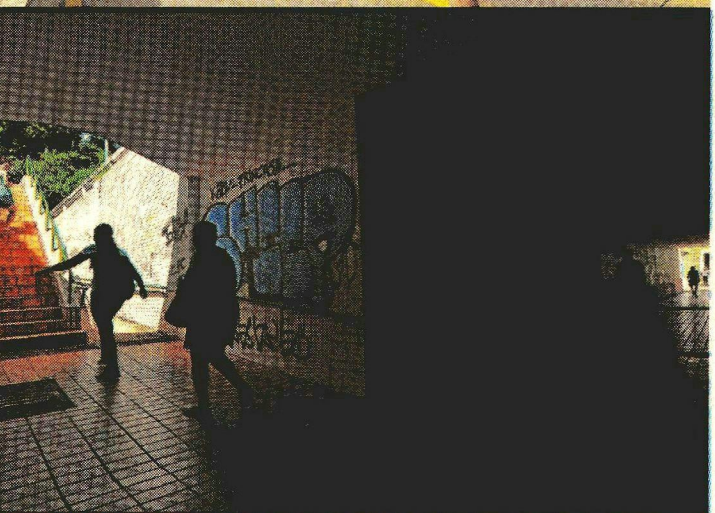
Gustavo Moreno/CB/D.A Press



O subsolo do Minhocão, obra de Niemeyer, tem uma rua que vai de ponta a ponta



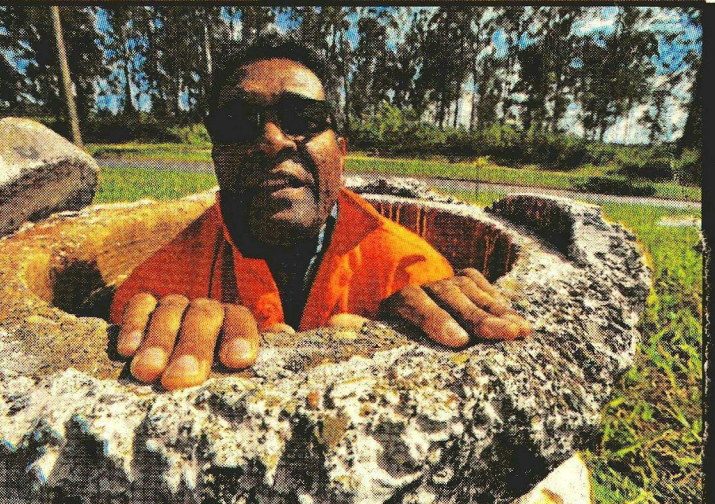
Senadores, deputados, funcionários e visitantes entram no Congresso por debaixo da terra



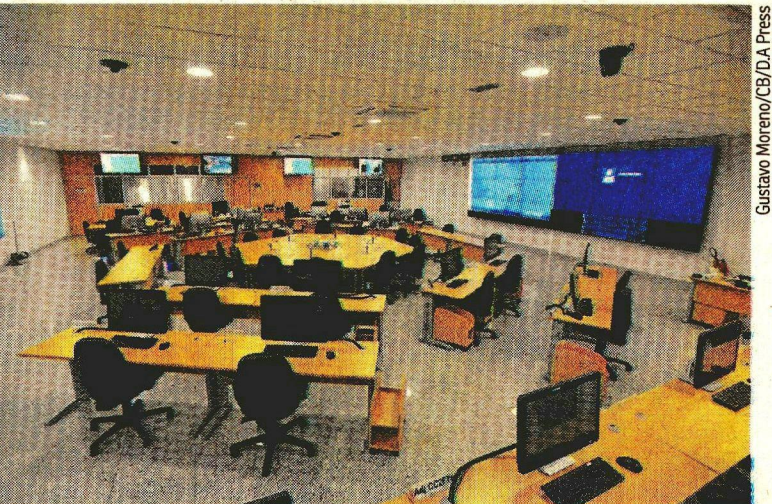
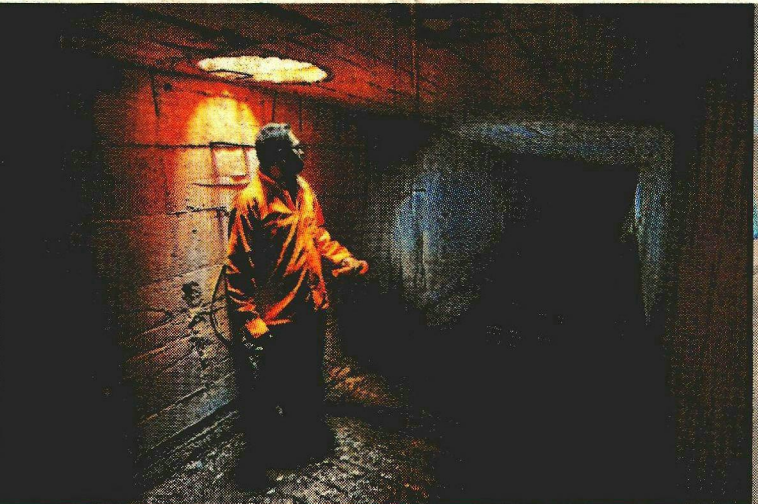
As passagens subterrâneas deveriam proteger o brasileiro na travessia do Eixão



O Teatro Pedro Calmon, do QG do Exército, fica semi-enterrado



Paulo César da Conceição: entrando no poço de ventilação (à esquerda, abaixo) e nas galerias



O comando das operações técnicas do Exército é realizado abaixo do solo

Lá embaixo, há rios de chuva, tecnologia e dança

É do subsolo que o Exército Brasileiro comanda a força militar no país. A sala de controle fica num ambiente criado na garagem de tamanho descomunal que Oscar Niemeyer projetou para o QG. São 52 terminais de computadores dispostos ao redor de uma grande mesa hexagonal, na qual se reúnem os comandantes em situações de crise ou de alguma outra excepcionalidade — a última vez em que a sala ferveu foi durante a Copa do Mundo e deve ferver novamente nas Olimpíadas do ano que vem. Em duas paredes laterais, um conjunto de telas completa a atmosfera tecnológica dos subterrâneos do Exército.

Há brutalidade e perigo nas vísceras do Plano Piloto. Os quase 800 km de galerias subterrâneas que dão vazão às águas das chuvas há muito são insuficientes para o crescimento desordenado da cidade. Sob o Plano Piloto há galerias pluviais maiores que um quarto confortável — 4m de largura por 4m de altura. Há menores, de 2,20 x 2,20m. E ainda menores.

Na pista que dá acesso à Universidade de Brasília (UnB), de quem vem da L2 Norte, a caminho da L4, há uma confluência de galerias que é considerada uma das maiores do Plano Piloto. Na quinta-feira passada, Edson Batista Gomes e Paulo César da Conceição, o primeiro auxiliar de serviços gerais e o segundo supervisor da rede pluvial,

desceram com o Correio até um dos maiores pontos de confluência de galerias do Plano Piloto. Um labirinto de concreto armado que recebe as águas de boa parte da Asa Norte e as despeja no lago. A visita só foi possível porque não havia prenúncio de chuva nem perto nem longe. Qualquer chuveiro poderia inundar rapidamente os vãos vazios e levar consigo servidores e visitante.

Em outra galeria, a dos Estados, debaixo do Eixão, a atmosfera é também borbulhante. Há 13 anos, acontece a Makossa, festa black que ocupa o Espaço Floresta. O lugar foi escolhido com desvelo: é o centro do Plano Piloto, área degradada, porém de fácil mobilidade (dentro dos parâmetros brasilienses). “Éo conceito de ocupação da cidade, com a cultura urbana; o grafite, o skate, o hip-hop”, explica um dos promotores do evento, o DJ Chico Aquino. E avisa: em 11 de julho próximo, a Makossa vai comemorar 13 anos com a presença da galera das antigas do DJs black de todo o quadrado.

Até o inventor da cidade foi parar debaixo do Plano Piloto. O Espaço Lucio Costa mergulha na Praça dos Três Poderes para apresentar aos visitantes uma maquete da cidade e toda a documentação apresentada pelo arquiteto ao concurso que escolheu o projeto da nova capital. E sabe-se lá o que mais haverá sob os nossos pés.

Gustavo Moreno/CB/D.A Press

Gustavo Moreno/CB/D.A Press

Gustavo Moreno/CB/D.A Press

Elcio Gomes/Reprodução

Gustavo Moreno/CB/D.A Press

Gustavo Moreno/CB/D.A Press